

## SUCESSÃO FAMILIAR E A TIPOLOGIA DE SISTEMAS PRODUTIVOS LEITEIROS PARANAENSES

Nathalia Gabrielly da Silva (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Ferenc Istvan Bánkuti (Orientador), Vinicius Donizeti Vieira da Costa (Coorientador), Raiane Real Martinelli, Rosa Maira Tonet. E-mail: gabriellynathalia@outlook.com.

Universidade Estadual de Maringá/ Centro de Ciências Agrárias/ Maringá, PR.

**Área:** Ciências Agrárias

**Subárea:** Zootecnia

**Palavras-chave:** produção familiar, sucessão familiar, tipologia

### Resumo:

Objetivou-se analisar a tipologia de sistemas leiteiros em que haverá sucessão familiar com aqueles em que a sucessão familiar não é provável. Foram aplicados 99 formulários em sistemas leiteiros paranaenses. Os produtores foram classificados a partir da própria percepção sobre a possibilidade de haver sucessão familiar. Os resultados foram avaliados a partir de técnicas de estatística descritivas e teste Tukey ( $p < 0,05$ ). Dentre as variáveis avaliadas observou-se que propriedades onde não haveria sucessão familiar (G2) a persistência na atividade é maior, conseqüentemente a idade dos gestores é mais elevada. Já para a produtividade animal, o G1, aquele em que há maior probabilidade de ocorrer a sucessão familiar, obteve melhores resultados, o que pode ter relação com maior aceitação de tecnologias e o abandono do tradicionalismo. Além disso, a maior produtividade por conferir a esse grupo, maior renda, incentivando assim, a continuidade dos filhos na produção leiteira iniciada por seus pais.

### Introdução

O êxodo rural é uma realidade em diversos países. As consequências negativas desta situação são muitas. No Brasil, esse processo está acontecendo em diversos setores do agronegócio. Para a produção de leite, que possui importante contribuição social e econômica, os impactos negativos desta situação podem ser grandes e as diferenças nas condições dos agricultores são fundamentais para se entender quais fatores são mais imprescindíveis quando se busca a permanência dos trabalhadores jovens no campo.

Em escala mundial, o Brasil é um dos maiores produtores de leite ocupando o terceiro lugar com 33,5 bilhões de litros de produção, sendo que o estado do Paraná ocupa o segundo lugar, ficando atrás apenas do estado de Minas Gerais (IBGE, 2019).

Considerando então toda a importância socioeconômica da produção de leite, bem como o problema êxodo rural, objetivou-se analisar e comparar a tipologia estrutural

e produtiva, de sistemas leiteiros em que haverá sucessão familiar com aqueles em que a sucessão familiar não é provável.

## Materiais e Métodos

A pesquisa foi conduzida a partir da análise de banco de dados aplicados em 99 sistemas leiteiros, localizados nas Mesorregiões Centro-Oriental e Sudeste do Estado do Paraná. Foram coletadas variáveis estruturais, produtivas e socioeconômicas. Os formulários contemplavam questões sobre características dos sistemas de produção e do produtor rural.

Inicialmente os sistemas leiteiros e os produtores rurais foram caracterizados em sua totalidade. Esse procedimento foi importante para análise geral da amostra. Em seguida, os produtores foram classificados em grupos, a partir da própria percepção, sobre a possibilidade de haver sucessão familiar – Grupo 1: aquele em que haverá sucessão e Grupo 2: aquele em que não haverá sucessão familiar. Esses grupos foram analisados segundo um conjunto de variáveis estruturais e produtivas dos sistemas de produção e socioeconômicas de seus gestores, com a finalidade de analisar e comparar a tipologia desses grupos de produtores de leite (BRITO et al. 2015; DEFANTE et al. 2019; NEUMANN et al. 2016). Para tanto, foram utilizadas técnicas de estatística descritivas, média, frequência, valores máximos e mínimos e teste de médias – Tukey ( $p < 0,05$ ).

## Resultados e Discussão

Na Tabela 1 são apresentadas as tipologias dos sistemas leiteiros e de seus gestores segundo os grupos de produtores rurais com diferentes percepções sobre a possibilidade de haver sucessão familiar no sistema leiteiro.

**Tabela 1:** Tipologia dos sistemas leiteiros segundo a ocorrência de sucessão familiar

Variáveis	Grupos	Média	Desvio padrão	P
Idade (anos)	G1	48,00	12,31	0,139
	G2	53,40	16,07	
Anos de estudo	G1	8,73	4,17	0,742
	G2	9,13	5,51	
Anos na atividade leiteira	G1	15,85	9,88	0,008
	G2	24,33	16,97	
Número de filhos	G1	2,20	0,95	0,814
	G2	2,13	1,46	
Número de filhos que reside na propriedade	G1	1,49	0,87	0,937
	G2	1,47	1,41	
Área da propriedade (Hectares)	G1	32,68	44,80	0,478
	G2	41,60	44,28	
Área para produção de leite (hectares)	G1	15,18	17,54	0,067

	G2	25,53	30,68	
Distância da propriedade para cidade (Km)	G1	15,69	8,37	0,167
	G2	12,53	6,14	
Número de trabalhadores	G1	2,50	1,07	0,467
	G2	2,27	1,49	
Produção leite (litros/dia)	G1	861,73	1.292,62	0,171
	G2	394,80	433,01	
Número de vacas em lactação	G1	33,95	36,63	0,311
	G2	24,13	15,70	
Produtividade animal (litros de leite/vaca)	G1	21,86	9,75	0,009
	G2	14,87	6,91	
Produtividade área (litros de leite/hectare)	G1	59,67	60,82	0,062
	G2	29,29	31,46	

Grupo 1 (N=84 SPL, aquele em que haverá sucessão); Grupo 2 (N=15 SPL, aquele em que não haverá sucessão).

Mediante a segregação dos grupos, constatamos nos casos em que os filhos não pretendiam assumir a atividade (G2), a persistência na atividade era maior gerando gestores mais velhos e experientes, devido a um maior tempo desempenhando a atividade (média  $24,33 \pm 16,97$ ). Vale ressaltar que, ambos os grupos apresentaram valores semelhantes quanto ao número de filhos e quantos deles residem na propriedade, o que difere então, é a decisão de permanecer desempenhando a atividade, mesmo com a idade mais avançada. Acrescido a este, observamos perfis de gestores habituados a tradicionalidade na atividade, sendo que tal fator pode vir a gerar um entrave a inovações, tecnologias e dinamização da atividade (CHRISTEN et al., 2016).

Frente a isso, observamos que a produtividade animal (litros de leite/vaca) do G1 foi mais elevada, o que correspondeu a uma variação percentual entre os grupos de 47%. Isso sugere que, mesmo com menos experiência - menor tempo na atividade, ainda assim, o G1 conseguiu se sobressair, atingindo produtividade média de  $21,86 \pm 9,75$  litros de leite/vaca (Tabela 1). Temos então que uma maior produtividade pode conferir a esse grupo, maior renda, incentivando assim, a continuidade dos filhos na produção leiteira iniciada por seus pais.

Partindo desses dados, podemos inferir que a possibilidade de sucessão familiar, acrescida de um estímulo e amparo de gestores mais jovens possa ter suprido sua carência de estudo e experiência (anos). Além disso, a aceitação de novas tecnologias e o desvencilho do tradicionalismo pode os ter colocado a frente das propriedades onde os gestores eram mais velhos e que os filhos não pretendiam se manter na atividade. Desta forma, os hábitos e costumes acabam tendo mais espaço do que a inovação, com o emprego de novas técnicas, tecnologias e/ou ferramentas de gestão, que possibilitaria melhores resultados.

Nesse cenário onde o incentivo a novas fontes de renda é baixo e muitos pais relutam em aceitar as decisões dos filhos no melhoramento ou diversificação na propriedade, este público mais jovem acaba optando pelo abandono da atividade e partem a procura de outras profissões onde a renda mensal oferece maior estabilidade (CHRISTEN et al., 2016). Com o passar dos anos, o meio urbano se torna mais atrativo e oferece mais estabilidade salarial do que o meio rural. Outro

fator que impacta a possibilidade de transformações sociais, no que tange a sucessão familiar, seria a falta de estudos mais aprofundados na área, que são indispensáveis à órgãos públicos, empresas, cooperativas, grupos de produtores entre outros, a fim de definir ações para redução do êxodo rural.

## Conclusões

Dentre as variáveis avaliadas foi observado que propriedades onde não haveria sucessão familiar (G2) a persistência na atividade é maior, conseqüentemente a idade dos gestores também é mais elevada. Já para a produtividade animal (litros de leite/vaca), o G1, aquele em que há maior probabilidade de ocorrer a sucessão familiar, obteve melhores resultados, o que pode ter relação com uma maior aceitação de novas tecnologias e o abandono do tradicionalismo. Além disso, a maior produtividade por conferir a esse grupo, maior renda, incentivando assim, a continuidade dos filhos na produção leiteira iniciada por seus pais. Todavia, sugere-se mais estudos para complementar o presente trabalho e trazer maiores esclarecimentos.

## Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa, ao Professor Dr. Ferenc Istvan Bánkuti pela oportunidade, ao Mestre Vinicius Donizeti Vieira da Costa pela coorientação e a todos os demais envolvidos com o projeto.

## Referências

BRITO, M. M. et al. Horizontal Arrangements and Competitiveness of Small-Scale Dairy Farmers in Paraná, Brazil. **International Food and Agribusiness Management Review**, v. 18, n. 4, p. 18, 2015.

CHRISTEN, R.S. AND NETTO, F.F. “Sucessão, masculinização, envelhecimento e educação na agricultura familiar. Qual a influência desses fatores no êxodo rural?”. Instituto de Formação do Cooperativismo Solidário-Instituto Infocos, pp.1-15, 2016.

DEFANTE, L. et al. Typology of dairy production systems that meet Brazilian standards for milk quality. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v. 49, p. 2009–2016, 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa da Pecuária Municipal 2019.

NEUMANN, M. E. et al. Typology of dairy production systems from West Parana State based on production indices and feed used. **Semina: Ciências Agrárias**, v. 37, n. 3, 2016.